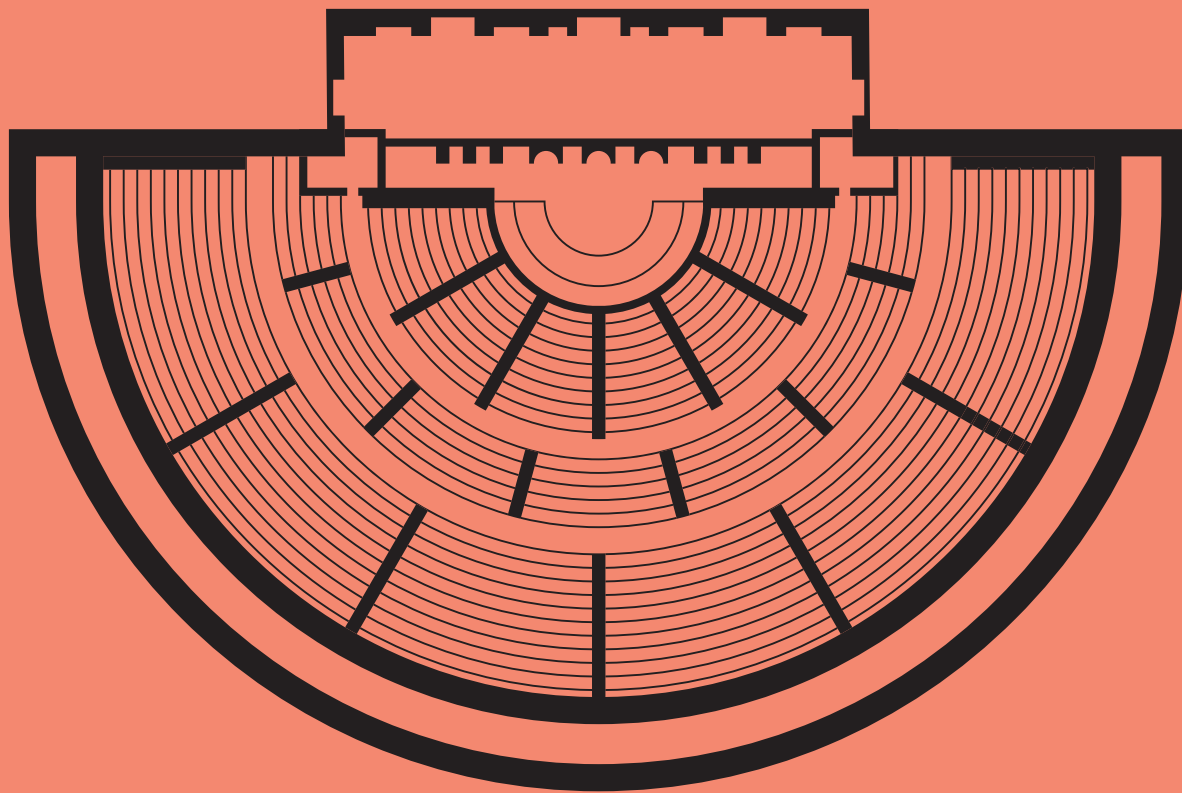


VI

MMXXV - 2025

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO



— ATAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL —
EDIFÍCIOS DE ESPECTÁCULO
NA LUSITÂNIA ROMANA



ANFITEATRO DE AMMAIA (MARVÃO)

Um novo edifício lúdico na Lusitânia
- CNS 300 / IPA.00001844

Carlos Fabião

Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa (Uniarq)
cfabiao@edu.ulisboa.pt

Nova Barrero Martín

Museo Nacional
de Arte Romano (Mérida)
nova.barrero@cultura.gob.es

Amílcar Guerra

Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa (Uniarq)
aguerra@campus.ul.pt

**Trinidad Nogales
Basarrate**

Museo Nacional
de Arte Romano (Mérida)
trinidad.nogales@cultura.gob.es

**Catarina
Viegas**

Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa (Uniarq)
c.viegas@letras.ulisboa.pt

**José Maria
Murciano**

Museo Nacional
de Arte Romano (Mérida)
jmaria.murciano@cultura.gob.es

Joaquim Carvalho

Fundação Cidade de Ammaia
jcammaia@hotmail.com

O anfiteatro de *Ammaia* foi construído numa encosta da periferia noroeste desta cidade romana. Constitui um típico exemplo de edifício lúdico de pequena cidade provincial que, sem recurso a *opus caementicium*, se construiu tirando partido da topografia do terreno, por um lado, e erguendo aterros, por outro. A sua edificação datará dos finais da dinastia júlio-cláudia ou época flávia e terá estado em uso até um momento tardio do século IV.

I

A cidade romana de *Ammaia* (Fig. 1)

As ruínas de uma cidade romana nas imediações de S. Salvador da Aramenha, Marvão, cerca de 100 km a noroeste da capital da Lusitânia (*Colonia Augusta Emerita*), são conhecidas desde os primórdios da atenção erudita aos vestígios do passado romano, embora o seu nome fosse longamente confundido, sobretudo, devido à interpretação alvitada por André de Resende (Guerra, 1996, com referências) e as suas ruínas objecto de múltiplas espoliações, ora de natureza eminentemente funcional, como foi o caso da retirada do arco da sua porta sul, remontado em Castelo de Vide em 1710 (Mantas, 2010) e posteriormente destruído, ora com intuitos colecionistas, em tempos mais recentes (Oliveira; Cunha, 1999). Foram estas espoliações, suscitadas pela procura de materiais arqueológicos esteticamente interessantes, que fizeram as ruínas entrar na esfera da atenção da comunidade científica, particularmente pelas relações entre um grande proprietário local, António Maçãs, e José Leite de Vasconcelos (*Idem*). Esta virtuosa colaboração permitiu resgatar, em 1931, uma importante epígrafe que desfez as dúvidas sobre o nome antigo da cidade (Vasconcelos, 1935), para além de ter permitido a constituição de uma importante colecção arqueológica, doada ao Museu Ethnológico (hoje Museu Nacional de Arqueologia), recentemente estudada e exposta no Museu da Ammaia (Quaresma, 2015). Sabemos também que, apesar destes esforços, a espoliação das necrópoles de *Ammaia* prosseguiu durante o século XX sem grande controle das autoridades (Bridge; Lowndes, 2009, p. 26).

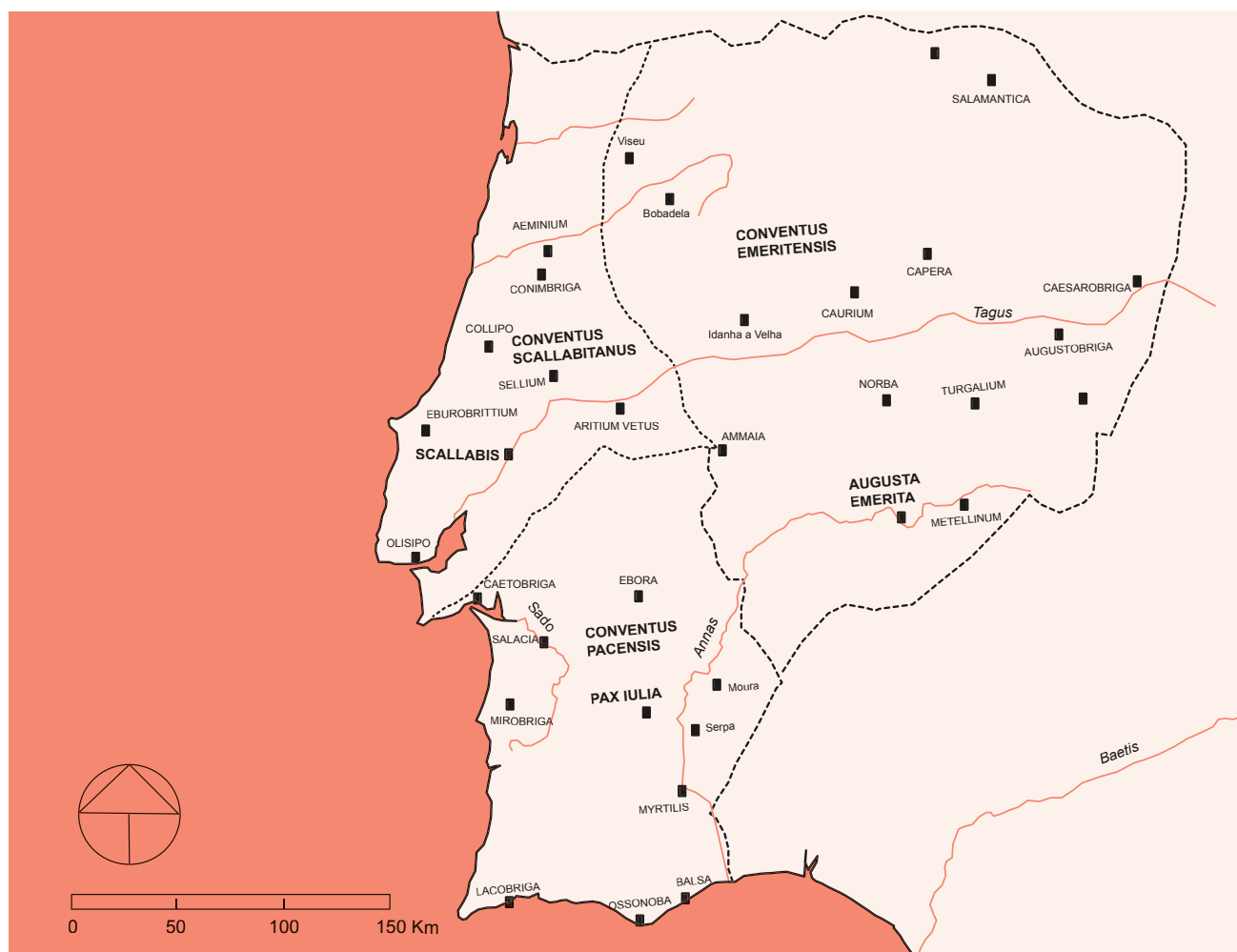
Classificada a cidade romana como Monumento Nacional, em 1949, pelo Decreto n.º 37 450, DG, 1.ª série, n.º 129 de 16 junho - http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=1844, por permanecer em posse de privados o terreno onde se conservam as suas ruínas, proprietários avessos a qualquer intervenção (Oleiro, 1955), ficou largas décadas como um local de importância reconhecida, mas efectivamente desconhecido para a investigação. Em 1994, o Engenheiro Carlos Melancia adquiriu os terrenos onde se ergueu outrora a cidade e promoveu o início das suas escavações, em colaboração com a Universidade de Évora, e constituiu uma Fundação (a Fundação Cidade de Ammaia), com a finalidade de estudar, conservar e valorizar o sítio arqueológico - <http://www.ammaia.pt/>.

O primeiro ciclo de escavações na *Ammaia* decorreu entre 1994 e 2006, com intervenções em quatro áreas distintas, a subjacente à casa agrícola, agora transformada em museu de sítio, na área da porta sul da cidade romana, no fórum e num edifício termal público (Pereira, 2009, com bibliografia anterior). De 2007 a 2011, um grande projecto de prospecções não invasivas, *RadioPast*, mapeou sistematicamente a área da cidade, tendo obtido uma poderosa imagem do seu desenho urbano e alguma informação sobre as áreas envolventes (Corsi; Vermeulen, 2012, com bibliografia). A partir de 2013, as intervenções mudaram de estratégia, passando para acções mais invasivas, escavação arqueológica

no sentido tradicional do termo, incidindo na zona do fórum. A ideia foi obter dados mais sólidos sobre a diacronia dos ciclos de construção / remodelação / abandono da cidade de *Ammaia*. A proximidade relativamente à capital provincial e a óbvia influência dos modelos emeritenses na materialização da *Ammaia* conduziu ao estabelecimento de uma parceria de investigação entre o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq), Museu Nacional de Arte Romano (Mérida), em estreita colaboração com a Fundação Cidade de Ammaia (Nogales *et al.*, 2020).

Em 2018 decidiu-se avançar para o estudo de uma área onde tradicionalmente se supunha estarem situados os edifícios lúdicos da cidade romana, teatro e anfiteatro, uma zona extra-muros, a Oeste, implantação habitual deste tipo de edifícios e que ganhava sentido pela analogia com a capital provincial (agrupamento de ambos edifícios em uma área periférica) e por algumas particularidades topográficas observáveis no terreno assim o sugerirem. O projecto beneficiou de financiamento do Ministerio de Cultura de Espanha, através do Programa de Ayudas para Proyectos Arqueológicos en el Exterior e do apoio logístico da Fundação Cidade de Ammaia.

Fig. 1
Mapa da Lusitânia,
com localização de
Ammaia e de algumas
das principais cidades.



II

Antecedentes e identificação

Não sabemos quando terá começado a ganhar corpo a ideia da existência de um edifício lúdico, supostamente um teatro, na periferia Oeste da cidade romana. No relatório da inspecção realizada em 1955, no âmbito das acções da Junta Nacional de Educação, João Manuel Bairrão Oleiro, nas funções de inspector, escreveu “Chamaram-me a atenção para um local (...) onde é tradição ter existido um circo. Nada o prova, mas a disposição do terreno poderia prestar-se para a instalação de um teatro” (Oleiro, 1955, p. 2). Esta ideia de teatro e anfiteatro juntos naquela periferia da cidade, em zona de sugestiva topografia, conservando o não menos sugestivo, micro-topónimo de “Picadeiro”, cristalizou na informação publicada (Pereira, 2009: Anexo III, p. 171, Foto 1, p. 201).

Em 2003 e 2004 realizaram-se prospecções geofísicas (resistivímetro e magnetómetro) na zona do presumível teatro, por Robert Fesler e Johnny de Meulemeester, com a equipa de campo da Fundação Ammaia e o apoio do Departamento de Geoarqueologia da Universidade de Gent (Bélgica). Na ocasião, sinalizaram-se duas anomalias lineares perpendiculares, sugerindo poder tratar-se da *scaenae frons* do suposto teatro e uma estrutura de drenagem que a atravessaria, a partir de uma igualmente suposta área de *orchestra* (informação da Fundação Cidade de Ammaia). No âmbito do Projecto *RadioPast*, de novo foi a zona prospectada, tendo-se então concluído que se trataria de uma área de pedreira (o que é, de certo modo, exacto, como se verá) e não foram particularmente valorizadas algumas anomalias semicirculares já então identificadas (Corsi; Vermeulen, 2012, p. 109, 159, Fig. 97, com referências anteriores).

Em qualquer dos casos, importa sublinhar que a área estava coberta por denso matagal, que dificultava sobremaneira os trabalhos.

No ano de 2019, promoveu-se nova e extensa acção de prospecção não-invasiva nas duas áreas onde a tradição situava os edifícios lúdicos, os trabalhos foram realizados por Victorino Mayoral Herrera, José Ángel Salgado Carmona e Cristina Charro Lobato, da Unidad de Servicio de Métodos no Destructivos en Arqueología, do Instituto de Arqueología-Mérida (CSIC, Junta de Extremadura), com recurso a um gradiómetro de fluxo, modelo Grad601-2 da casa Bartington. As duas áreas forneceram resultados algo inesperados: na presumida área do anfiteatro, documentaram-se sinais de possíveis estruturas soterradas, mas pouco legíveis e sem qualquer relação perceptível com o esperado edifício; na zona onde se pensava existir o teatro, identificaram-se sinais lineares bastante nítidos, indicadores da presença de um anfiteatro.

Naturalmente, nesse mesmo ano de 2019, realizaram-se as primeiras sondagens na zona da possível porta de acesso à arena, ladeada por estruturas lineares, orientadas a nascente, que pareciam enquadrá-la. A sondagem permitiu identificar um vão de cerca de 4.8 metros de largura (cerca de 12 pés), com uma soleira composta por elementos de granito, que conservam as cavidades de encaixe das ombreiras, enquadrando uma porta do mesmo material, certamente de duas folhas, bem como outros orifícios que se destinariam ao encaixe dos elementos de fixação da(s) porta(s) quando encerrada. A existência de três encaixes de ombreira e de um número excessivo (nove) e algo desconstruído de orifícios de encaixe para os fechos das portas sugere que, em determinado momento impossível de datar, a entrada teria sido remodelada, estreitando o vão e criando novos orifícios de encaixe para nova configuração da entrada, com os respectivos novos fechos.

A porta era ladeada, a norte, por um grande silhar de granito que fechava uma parede constituída por alvenaria de quartzite, encimada por blocos cuidadosamente talhados de um grauvaque negro muito denso, para Norte, uma outra parede correspondia ao início do muro perimetral da arena (*podium*). A sul, uma parede análoga de alvenaria, paralela à anterior, encimada por análogos blocos de grauvaque, mas sem qualquer elemento granítico, compunha o acesso à porta e arena, a partir do exterior, ali se encostava também o início da parede do *podium*. Do lado norte, conservavam-se três grandes lajes de granito que, em dado momento, constituíam o piso de acesso à porta e arena. É provável que todo o corredor estivesse assim pavimentado em determinada fase da utilização do edifício, mas foram somente estes os elementos que se conservaram.

Vários cravos de ferro documentados em torno da soleira deverão relacionar-se com a porta, uma vez que em toda a restante área escavada do anfiteatro não mais se documentou concentração análoga, somente um ou outro cravo, disperso no enchimento da arena e nada mais.

A partir das ombreiras da porta, articulava-se a parede perimetral da arena (*podium*), construída também em alvenaria algo tosca, sobretudo de quartzite, com incorporações pontuais de outros materiais pétreos e alguns fragmentos de cerâmica romana de cobertura, usando somente argila como ligante. Do lado Norte, o *podium* apresentava uma acentuada pendente, resultante da pressão exercida pelas terras no seu tardo, do lado Sul, apresentava-se vertical, uma vez que correspondia à zona onde se localizavam os compartimentos (*carceres*), perceptíveis nas imagens das prospecções não invasivas.

III

Escavação e estudo do anfiteatro (Fig. 2)

Esclarecida a presença do edifício lúdico, promovemos uma candidatura ao programa Promove Regiões Fronteiriças, da Fundação “La Caixa” – 2019, com o Projecto “a nova realidade patrimonial transfronteiriça: descobrimento e valorização do Anfiteatro de Ammaia”, que recebeu financiamento, que nos permitiu avançar significativamente na primeira etapa de um programa vasto de estudo e valorização do edifício, que incluí a sua escavação integral, como primeiro passo para uma futura conservação / consolidação e valorização.

Uma vez definida a zona da entrada, tratou-se de ampliar a intervenção: pelo lado Sul, na escavação e esclarecimento dos compartimentos revelados pelas prospecções não-invasivas, na direcção oeste, para identificar o comprimento máximo da arena e seus limites.

Como não dispomos de muito espaço e já publicámos um primeiro estudo das etapas iniciais dos trabalhos (Fabião *et al.*, em publicação), apresentamos de forma breve as principais conclusões alcançadas.

Fig.2

Vista aérea do anfiteatro de Ammaia, no estado em que se encontrava em julho de 2022.

© Imagem drone, cortesia de José Ventura.



IV

Dimensões do edifício

Não constituiu problema delimitar a área da arena do anfiteatro, particularmente o perímetro definido pelo *podium*. Tem de comprimento, no seu lado maior, cerca de 53,4 metros (aproximadamente 180 pés) e cerca de 40 metros no seu eixo menor (cerca de 135 pés), neste último caso, as medidas são menos precisas, devido à pendente que a parede apresenta no seu lado Norte e ao facto de termos apenas uma noção aproximada do ponto onde o piso da arena se lhe encosta. Comparando o edifício com os seus congéneres conhecidos na *Lusitania*, observamos uma maior dimensão do eixo maior da arena do que os de Bobadela (167 pés) (Frade; Portas, 1994) e Cáparra (176 pés), ainda que o eixo menor deste último (144 pés) seja maior que o de *Ammaia* (Bejarano, 2022, p. 92). Em termos proporcionais, as arenas de Bobadela e *Ammaia* são similares, sendo mais larga a elipse de Cáparra, embora não se possa considerar muito diferentes as dimensões dos três edifícios (v. textos neste volume). Contudo, o caso aqui apresentado diferencia-se claramente pelas opções adoptadas na sua implantação e edificação.

A construção foi realizada com alvenaria de pedra seca, basicamente de quartzite, extraída da frente de pedreira que delimita o edifício pelo lado Poente, nessa mesma área situa-se a bancada de grauaque escuro e compacto de onde foram extraídos os elementos pétreos que delimitam o corredor de acesso à porta. As alvenarias apresentam irregularidades, resultantes das diversas remodelações que foram conhecendo ao longo do extenso período de uso do anfiteatro, não sendo possível datá-las, para lá das observações da relação de anterioridade / posterioridade, verificadas na estratigrafia do edificado. Estas irregularidades estariam ocultas por um reboco composto de argamassa de cal e areia que revestia a parede. Não documentámos pigmentos que sugerissem a existência de pintura. Como seria expectável, o reboco conserva-se mal. Percebe-se a sua existência pela presença de amalgamas encostadas à base do *podium*, sob as camadas do derrube pétreo e, em raríssimos casos, conservam-se ainda troços aderentes à parede. Uma vez que optámos por não remover ainda por completo estas amalgamas de cal, é possível que se conservem mais troços de reboco ainda aderido.

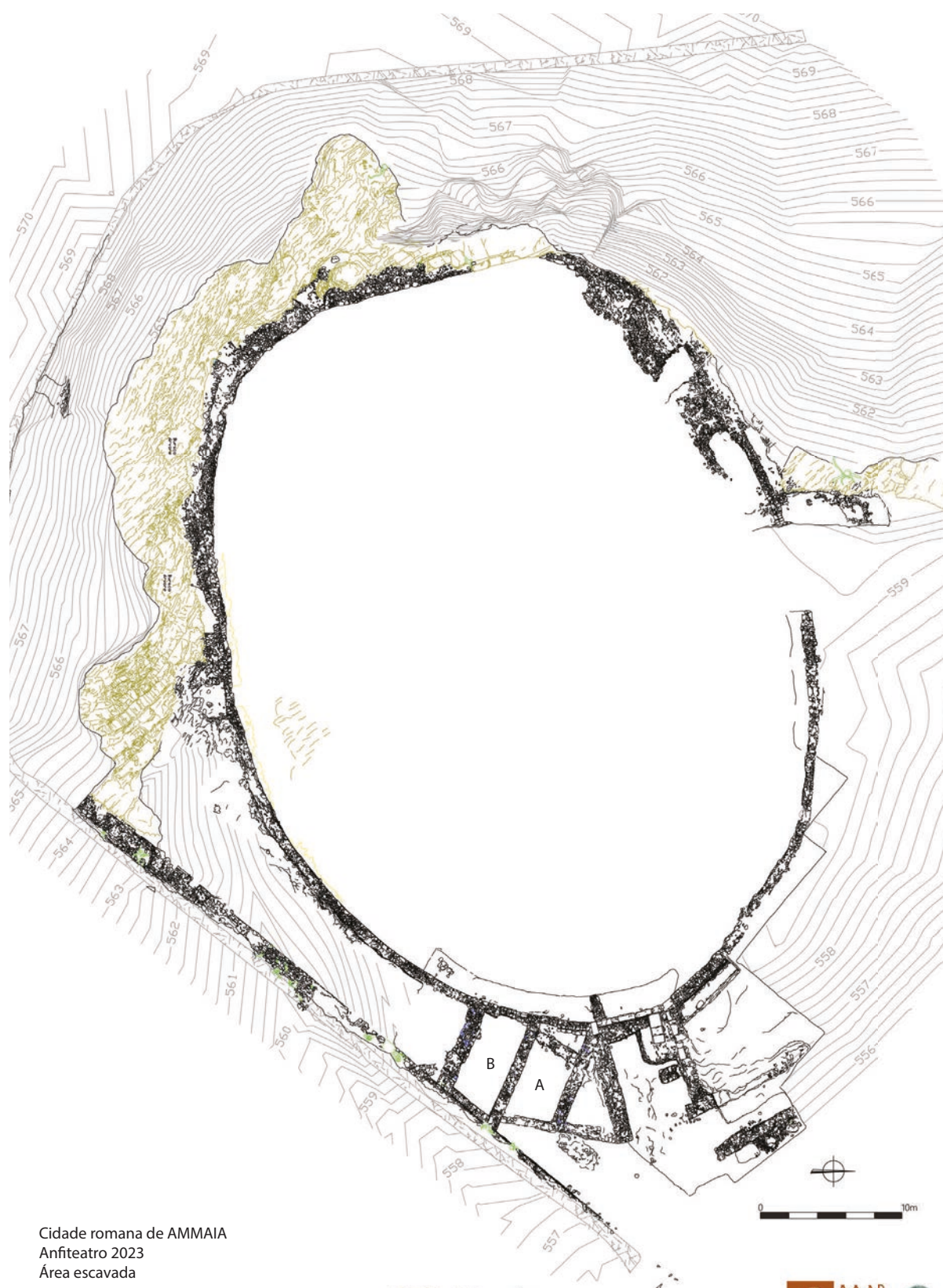
Os níveis de derrube pétreo retirados do interior da arena eram muito diferentes, em alguns casos, volumosos, noutros, praticamente inexistentes, sem que tal se reflectisse na altura conservada do *podium*, um claro indício de que o edifício terá sido parcialmente desmantelado depois do abandono, com intuito de recuperar a pedra para reutilização em outras construções. Como adiante se comentará, a continuidade da extracção de pedra em tempos recentes, verificada nas áreas já usadas pelos construtores do anfiteatro reforça esta convicção. Em uma única zona, na área Noroeste da arena, foi possível documentar uma situação de colapso unitário da parede e assim determinar que, pelo menos ali, o *podium* teria cerca de três metros de altura (cerca de 10 pés) e estaria adossado à frente de rocha cortada.

A elipse da arena não se apresenta perfeita. Do lado Poente, *latu sensu*, o edifício foi encaixado na vertente, nas frentes de pedreira de onde se extraiu o material para a sua construção. Estas frentes apresentam-se muito desiguais: compõem-se de xistos, em alguns casos, em franca desagregação, apresentando grande instabilidade, mas em outras zonas, a Sudoeste, por exemplo, encontramos uma muito consistente frente de quartzite, muito quebrada pela actividade extractiva, mas ainda compacta; pelo lado noroeste, uma parede vertical de xisto laminar muito deteriorado assenta sobre a bancada de grauvaque denso e muito duro, aquela de onde se extraíram os blocos que compõem o corredor de acesso à arena, no lado oposto. Aí, a parede do *podium* interrompe-se e este é formado pela própria bancada de grauvaque, literalmente, no eixo da *porta triumphalis*. A dureza deste material parece ter condicionado a construção, pelo que a elipse apresenta ali um “achatamento” que a distorce ligeiramente (Fig. 3).

Esta frente rochosa muito consistente aflorava no terreno, aparentemente limpa por anteriores trabalhos. Nessa área, identificámos um conjunto de elementos singulares: um fragmento de coluna ou marco cilíndrico, de granito, com 0.53m de largura, por 0.63 de altura, apresenta-se cuidadosamente talhado, mas sem nenhum elemento inscrito. Nessa mesma zona documentámos uma apreciável concentração de cerâmicas de cobertura, particularmente *tegulae*. A conjugação destes elementos, justamente na área da frente de extracção do grauvaque, que assume ali uma larga superfície horizontal sobrelevada em relação à arena, fez-nos pensar na eventual existência de uma tribuna. No entanto, não se percebem quaisquer roços ou orifícios indiciadores de apoios para uma qualquer construção, quer na plataforma de grauvaque, quer na parede vertical de xisto, que a delimita a Oeste. Também não identificámos qualquer desbaste na encosta, que pudesse indicar a existência de um acesso a esta zona a partir do exterior, razão pela qual não podemos concluir nada de categórico sobre esta concentração peculiar de materiais.

Em toda a encosta Oeste, o desbaste da rocha, aliada à pendente natural, acentuada pelo desbaste, possibilitaria a instalação de uma *cavea*, com eventuais elementos lígneos. Contudo, não identificámos quaisquer orifícios que pudessem associar-se à fixação de uma qualquer estrutura perecível, ainda que tenhamos registado algumas construções lineares pétreas, que poderiam constituir assentos para os espectadores dos *ludi*. Nessa mesma encosta existe uma cavidade de alguma profundidade, aberta na rocha, resultante de uma sondagem mecânica ali feita em anos anteriores, quando se procurou identificar o suposto teatro (informação da Fundação Cidade de Ammaia). Foram justamente estas frentes de pedreira e respectivos entulhos que foram identificadas nas prospecções realizadas no âmbito do Projecto *RadioPast*, criando a ideia de que naquela zona nada existiria, para lá das pedreiras (Corsi; Vermeulen; 2012, p. 108-111, 159, Fig. 97). A extracção de pedra no local prosseguiu até época moderna, como pudemos verificar pela presença de materiais ali descartados, conservados nestes níveis de entulhos.

Fig. 3
Planta do anfiteatro
de Ammaia
(setembro de 2023).



 Rocha

 Fundação
Ammaia

 25
Anos

 uniarq

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FLUL

LETRAS
LISBOA

 MAR

MUSEO
NACIONAL
DE ARTE
ROMANO

 FUNDACÃO
ESPÓLIOS
ROMANOS

A arena propriamente dita apresentava um enchimento sedimentar limpo, resultante simplesmente do processo de transporte realizado pela acção dos agentes naturais (Fig. 2). Junto ao *podium* apresentava níveis de derrube pétreo, muito desiguais, como se referiu, não muito extensos. Por isso, a maior parte do espaço apresenta-se coberto por espessas camadas de sedimentos, que temos removido com meios mecânicos, ao ritmo das possibilidades. Mas percebemos que a própria construção da arena apresenta notória complexidade e diferentes soluções construtivas, como adiante se comentará.

Embora não tenhamos tido dificuldade em delimitar a arena e *podium* do edifício lúdico, subsistem dúvidas quanto aos seus limites exteriores, em parte suscitadas pelas peculiaridades da sua arquitectura.

V A estrutura do edifício

O anfiteatro da cidade de *Ammaia* constitui uma estrutura singular, claramente diferenciada dos edifícios congéneres conhecidos na *Lusitania*. Não foi utilizado *opus caementicium*, como se verifica em *Augusta Emerita* ou *Conimbriga*, aproxima-se sim do modelo dos anfiteatros provinciais simples, de alvenaria seca e aterros, para instalação das *caveae*, como em Bobadela ou Cáparra. Contudo, distingue-se destes últimos por apresentar uma configuração peculiar, combinando diferentes soluções técnicas. Para além do mais, o edifício foi encostado à face exterior da muralha que delimita a cidade, pelo lado norte, condicionando o espaço para a instalação da *cavea*, por esse lado (Fig. 3). Desde o primeiro momento, era perceptível que a proximidade entre o edifício e a muralha, com fraca potência conservada, não permitiria um desenho canónico da *cavea*, pelo que tínhamos em aberto a possibilidade da estrutura defensiva ser muralha tardia, que teria segmentado o edifício lúdico anterior. Contudo, a escavação veio a revelar claramente um apoio das paredes de um dos *carceres* à face exterior da cerca urbana, definindo assim uma evidente relação de anterioridade desta.

Desejando claramente tirar partido das facilidades concedidas pela topografia do local escolhido, cerca de metade do anfiteatro foi encaixado na vertente rochosa, que foi desbastada, utilizando-se a pedra dali extraída na sua construção. Este encaixe na vertente teria permitido de algum modo uma fácil acomodação da *cavea*, por essa banda, mas implicou um desbaste significativo da rocha para criar a superfície plana de assentamento da arena. Como a pendente natural do terreno se acentua em direcção a Este, foi necessário realizar um significativo enchimento, para garantir a larga extensão horizontal requerida pela arena. No lado Poente, aflora sob o piso térreo da arena a rocha de base

(xisto) desbastada, mas, para o lado nascente, tornou-se necessário realizar um significativo enchimento para garantir a horizontalidade desejada. Sob a porta, uma potente estrutura de alvenaria grosseira, entre ambas paredes de acesso, funcionou como elemento de contenção de todo esse enchimento, contido nas restantes áreas pela parede do *podium*. Uma sondagem que realizámos no piso da arena imediatamente junto da soleira da *porta triumphalis* revelou a potência do enchimento: alcançámos dois metros de profundidade, sem ter chegado à rocha. Esta intervenção revelou também a existência de uma parede, de orientação Este-Oeste, prolongando-se para debaixo do piso da arena, correspondendo a obra de finalidade indefinida, anterior à construção do anfiteatro (Fig. 3).

A sul da porta escavámos dois compartimentos com vãos abrindo para a arena, os *carceres*, já sinalizados pelas prospecções geofísicas. Mas também uma outra parede, que delimitava o primeiro *carcere* pelo lado Norte, convergindo com a parede Sul do corredor de acesso à porta, estendendo-se até ao limite nascente do edificado. O espaço, de planta triangular compreendido entre ambas foi preenchido com pedra e cascalho, parecendo consistir somente num elemento de reforço do binómio corredor de acesso e *carcere*, assemelhando-se aos habituais muros radiais frequentes na construção dos anfiteatros (Fig. 3). Refira-se, porém, que se trata da única parede com estas características que identificámos.

Os dois *carceres* apresentam aproximadamente as mesmas dimensões, (Fig. 3), o **A**, mais próximo da porta, está delimitado pela parede que converge para a estrutura de delimitação do corredor, por uma outra parede a Sul, que constituiria o limite do edifício lúdico, por esse lado, e por uma outra, a Oeste, que forma parede mediana com o segundo *carcere*. Abre-se para a arena através de um vão com de cerca de 1.20m (4 pés) na parede do *podium*. A construção é de alvenaria algo tosca, com elementos de quartzite (dominante), mas também com algum xisto e grauvaque, verifica-se algum critério na selecção dos materiais, com pedras de maior dimensão na base das paredes. O vão de acesso à arena apresenta-se bem esquadriado e com soleira de granito, com cerca de 60 cm de largura. Encontrou-se encerrado por uma parede de alvenaria, marcando por certo o abandono das suas funções. O compartimento não apresenta outro vão, pelo que toda a circulação se deveria fazer a partir da arena. A escavação do seu interior revelou um momento de remodelação do espaço, quando estaria já talvez abandonada a sua função primária. O interior do compartimento recebeu então uma parede perpendicular à parede oeste, sem, contudo, dividir completamente o primitivo espaço. Associado a este segundo momento, aparentemente já sem relação com os usos primários do anfiteatro, estavam alguns fragmentos de *dolia*, ao que parece, de diferentes indivíduos, ainda que em pequena quantidade, em face do esperado em recipientes destas dimensões. Nada mais nos elucidava sobre os novos usos que o espaço teria conhecido. No piso do *carcere*, simplesmente de terra batida, na sua utilização primária, nada encontrámos que permitisse datar o seu ciclo de utilização e abandono.

O segundo *carcere* (**B**), (Fig. 3), com parede meia com o anterior, apresentava análogas características e dimensões: construção em alvenarias pobres, com selecção dos materiais de construção, pedras de maiores dimensões na base das paredes, somente um vão, no acesso à arena, igualmente com ombreiras bem esquadriadas, soleira de granito e também encerrado por uma parede de alvenaria, que anulou o seu uso. O compartimento delimitado por duas paredes paralelas, uma das quais era também parede do outro *carcere*, tem cerca de 7.00 x 3.10 m, ou seja, dimensões análogas ao **A**. Ambas paredes se apoiavam na muralha que delimita a cidade, existindo ainda uma parede, encostada ao alicerce da muralha, que fechava o compartimento pelo lado sul. Estas paredes foram parcialmente seccionadas por uma extensa vala que acompanha toda a extensão da muralha até às frentes de pedreira do lado poente. Chegámos a colocar a hipótese de esta vala constituir um elemento defensivo tardio, um fosso, associado à cerca urbana. Contudo, por não apresentar considerável dimensão, inclinamo-nos a pensar que poderá antes estar relacionado com processos de roubo de material pétreo de época posterior ao abandono do edifício lúdico e à retoma da laboração da pedreira. O interior do compartimento registava também dois momentos distintos de utilização, o segundo provavelmente também associado a uma fase em que já não cumpria as suas funções primárias. A escavação forneceu escassos materiais de época romana, muito fragmentados, suficientemente diversificados para não poderem servir de elementos datantes do ciclo de construção, remodelação e abandono, nem elucidativos sobre as funções desempenhadas na segunda fase de utilização. O pavimento do compartimento era também formado por um simples piso de terra batida, também sem materiais arqueológicos dignos de nota.

Em nenhum dos *carceres* se registou a presença de coberturas cerâmicas colapsadas, alguns fragmentos de *tegulae* identificados junto ao vão do ambiente **B**, estratigraficamente associados à segunda fase de utilização, não são suficientes para supor uma cobertura integral do mesmo com estes materiais. Assim, ou os *carceres* teriam cobertura perecível ou seriam cobertos pela estrutura lígnea da *cavea*. Não temos meios para determinar qual a melhor explicação.

Para Oeste deste compartimento, há uma área onde também se realizaram enchimentos antrópicos, provavelmente para apoio da *cavea*. Estes, exerceram pressão considerável sobre a parede oeste, obrigando à construção de uma segunda estrutura, adossada por essa banda à primitiva, também encostada à face exterior da muralha e também afectada pela referida vala. A parede apresenta uma forte inclinação / deslocação, no sentido Este, resultante dessa pressão.

Não foram estes os dois únicos compartimentos que identificámos, abertos à arena. No extremo Oeste, aproximadamente no eixo definido pela *porta triumphalis*, ainda que ligeiramente desviado, por este eixo coincidir com a sólida bancada de grauvaque, identificámos um pequeno compartimento, adossado à rocha desbastada, praticamente quadrangular, com cerca de 1.60 x 1.60m. O acesso a este pequeno espaço fazia-se por um vão, de 0.90 m (cerca de 3 pés),



Fig. 4
Pequeno compartimento do lado poente da arena do anfiteatro, note-se a diferença entre o lado esquerdo do *podium*, refeito e mais irregular e o lado direito.

bem delimitado com elementos graníticos. A soleira, de 0.29m de largura, apresenta um roço bem pronunciado, destinado a encaixar um elemento de fecho, certamente de madeira, que correria a partir de cima, no centro da soleira, um pequeno canal atravessava-a completamente, permitindo drenar o interior do espaço, na direcção da arena. As ombreiras, também de granito, conservam dois elementos *in situ*, com dimensões similares, ainda que um mais espesso que o outro (0.90x0.28x0.29m e 0.90x0.38x0.31m), ambos apresentam um rebaixamento vertical na face interna, que permitia ajustar o elemento corrediço de fecho. O vão apresentava-se também encerrado por parede de alvenaria, marcando a sua amortização funcional. O interior estava delimitado por paredes de alvenaria, em dois dos lados e pela rocha cortada na face oposta ao vão. Tal como os *carceres*, não tinha outro acesso a não ser pela arena. O interior estava preenchido por uma potente camada de pedra, resultante do colapso das paredes e de algum possível enchimento intencional, no meio do qual se conservavam dois outros elementos das ombreiras, com dimensões similares aos conservados na posição original (0.88x0.30x0.29m e 0.85x0.25x0.22m), ostentam idêntico ressalto na face interna e o elemento mais espesso apresenta um profundo roço destinado à fixação de uma tranca (Fig. 4).

Graças à conservação dos elementos das ombreiras, sabemos que o vão teria, pelo menos, 1.80m de altura, por 0.90m de largura, ou seja, uma proporção aproximada de 6x3 pés, se as ombreiras não tivessem outros elementos intermédios de menor dimensão, ajustando a sua altura, dando acesso a um espaço exíguo de somente 3 metros quadrados (10 pés quadrados). Em dado momento, a parede sul terá cedido e foi refeita, prolongando o uso do compartimento, o resultado desta reconstrução é bem visível, não somente no interior do pequeno espaço, mas na própria parede do *podium*. No compartimento, encontramos somente alguns escassos fragmentos de cerâmicas de construção e uma *tegula* inteira. Nada mais nos pôde esclarecer sobre as suas funções, pouco adequadas para acomodar homens ou animais, razão pela qual nos inclinamos a supor-lhe alguma finalidade cultual (um *nemeseion*?), todavia, sem qualquer outro elemento probatório.

A Norte da *porta triumphalis* e correspondendo a cerca de um quarto do edifício, a parede do *podium* delimitava uma área elevada, em aterro artificial, onde assentaria a *cavea*. Uma sondagem que realizámos no tardo da parede do *podium* permitiu observar a sua construção, bem como a natureza do aterro. A parede do *podium* é uma potente estrutura de alvenaria, com cerca de 2 metros de altura conservada no tardo, onde se abriam a espaços orifícios estruturados de drenagem, que atravessavam toda a construção, para descarregar na arena. A sondagem realizada permitiu perceber a sequência dos trabalhos ali realizados: primeiro foi construída a parede do *podium* e só depois a parede que delimita o acesso à *porta triumphalis*. O aterro é constituído por cascalho de xisto e terra e encontra-se bastante compactado. Exerceu (e exerce) forte pressão sobre o topo da parede do *podium*, razão pela qual este se encontra fortemente inclinado para o interior da arena, embora o tardo conserve, em profundidade, um excelente estado de conservação, visto que a pressão das terras do aterro artificial era ali contrariado por análoga pressão exercida pelo enchimento da arena (Fig. 3).

O conhecimento do anfiteatro permite incluí-lo no terceiro modo de implantação, definido por Jean-Claude Golvin, o dos edifícios construídos em encosta, sendo esta usada para acomodar parte da construção, compondo-se o restante edificado com aterros artificiais (Golvin, 1988, p. 407), para lá da originalidade do apoio à cerca urbana. Mas algumas dúvidas subsistem quanto às dimensões do edifício. Pelo lado Sul, *latu sensu*, a muralha condiciona o seu limite e, por essa banda, a *cavea* estaria ali encostada, não sendo clara a forma como à mesma poderiam aceder os espectadores. No limite sudoeste, a frente de pedreira condicionaria também a acomodação da *cavea* e é provável que impusesse alguma descontinuidade no seu contorno. No topo da encosta cortada para instalar o edifício, identificámos uma sequência de cinco blocos de granito de mediana dimensão, que poderiam definir um limite ou simplesmente serem ainda parte dos cómodos da *cavea*. Contudo, a erosão da encosta deixou esta sequência isolada, não se verificando continuidade. A parte mais elevada da encosta conserva também uma parede de pedra seca, de construção moderna,

delimitando antigos caminhos, desenhando um semicírculo que parece acompanhar, em cota mais elevada, os contornos da arena. Não é de excluir a possibilidade de estar assente sobre o anterior limite oeste do edifício. Não temos, porém, de momento, uma confirmação categórica desta possibilidade (Fig. 3).

Na área onde a *cavea* seguramente assentava sobre os aterros artificiais, identificamos alguns troços de construções de alvenaria perpendiculares à parede Norte de acesso à *porta triumphalis* e a cerca de 10 metros de distância do *podium*, uma parede parece conter o aterro de cascalho de xisto, que se prolonga até à face desta construção, não parecendo continuar mais para Este. Trata-se de uma estrutura de alvenaria bastante tosca, mais frágil e irregular do que a parede do *podium*, parecendo manifestamente insuficiente para uma eficaz contenção do potente aterro antrópico. Todavia, é presentemente o único dado de que dispomos como eventual limite do edifício a Este.

A *porta triumphalis* está voltada para a cidade e deveria de algum modo articular-se com uma das saídas da mesma. As prospecções não invasivas identificam justamente um dos *kardines* da cidade nessa direcção, justamente no limite da área mais plana, imediatamente antes da acentuada pendente que o terreno assume nessa área e que foi usada para o “encaixe” do anfiteatro (Corsi; Vermeulen, 2012, p. 51 e ss.). Contudo, a presença de paredes delimitadoras de um antigo caminho rural e o próprio caminho inibem presentemente a observação.

VI Cronologia

O estudo de um edifício lúdico de época romana implica necessariamente uma indagação sobre o seu ciclo de uso útil, desde a construção ao abandono. Na ausência de epigrafia, responder a esta questão afigura-se sempre uma tarefa complexa.

No decurso das escavações, alguns materiais arqueológicos que fornecem pistas foram surgindo. Valorizamos particularmente a informação obtida nos estratos anteriores ou associados à construção propriamente dita. Neste caso, os estratos subjacentes às estruturas do corredor de acesso à *porta triumphalis*, à construção dos *carceres* e o aterro do lado nascente.

Nestes estratos foram recolhidos fragmentos de bordos de ânforas do tipo Haltern 70, do vale do Guadalquivir (Fig. 5, 2), e um fragmento de uma ânfora da olaria do Morraçal da Ajuda, do tipo dito Peniche 3 (Fig. 5, 1), *terra sigillata* de tipo itálico (Fig. 5, 4-10, 12 e 13), um deles decorado e outro ostentando a marca C.ME, *in planta pedis* (OCK 1132.8-11) (Fig. 5, 12 e 13) e escassos fragmentos de *sigillata*

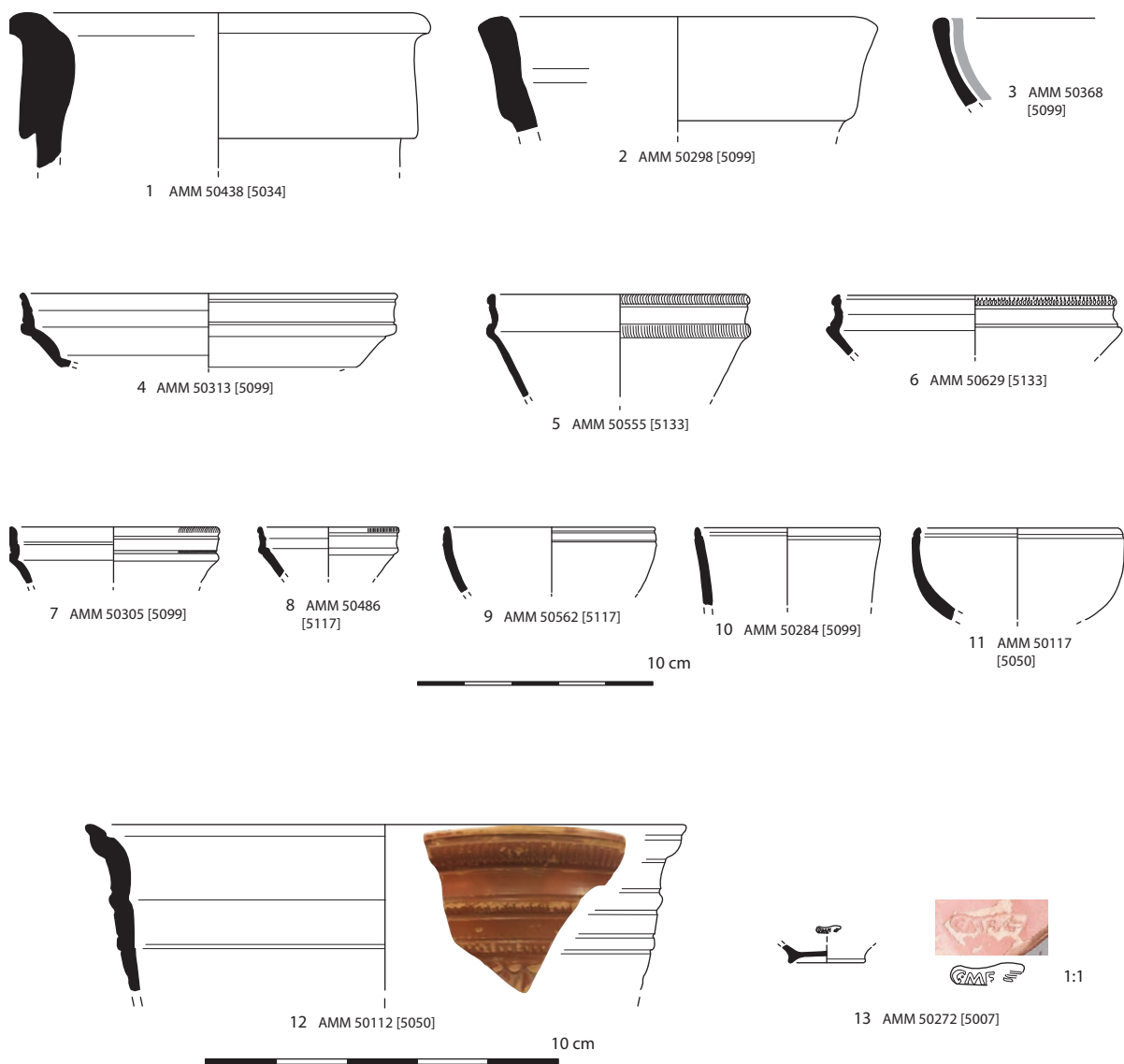
sudgálica (Fig. 5, 11). Em suma, um conjunto coerente de materiais de cronologia Júlio-Cláudia que constitui o *terminus post quem* para a construção, que assim se poderia situar entre os finais desta dinastia e inícios de época flávia. Olhando para o conjunto de *terra sigillata* recolhido nestes níveis anteriores ou associados à construção, parece significativa a ausência de *sigillata* hispânica, sugerindo cronologia antiga para a construção, mas têm sempre alguma fragilidade os “argumentos de silêncio”. Refira-se que também para Bobadela e Cáparra, a ausência de epígrafes limita as propostas cronológicas a exercícios de datação *post quem* – urbanização júlio-cláudia amortizada pela construção do anfiteatro, na Bobadela (Frade; Portas, 1994); afectação da necrópole do subúrbio sudeste, em Cáparra (Bejarano, 2022).

Sobre o final da utilização do edifício, podemos valorizar a presença de ânforas lusitanas do tipo Almagro 51c (Fig. X, 14-15), originária dos baixos vales do Tejo ou Sado, quer no corredor de acesso à *porta triumphalis*, quer sobre o piso da arena, bem como algumas moedas da segunda metade do século IV, encontradas neste mesmo nível. Tudo considerado, podemos supor que o edifício estaria em uso nessa época, embora se possa igualmente admitir que, estando ainda de pé e frequentado, já não desempenharia a sua função primária. Os restantes materiais arqueológicos recolhidos, pela sua diversidade cronológica, escasso interesse assumem para datar as principais etapas de vida do edifício, para além de permitirem preencher o lapso temporal entre estes momentos, inicial e terminal.

O fim de vida útil do anfiteatro de *Ammaia* coloca de facto algumas questões interessantes. Por um lado, sabemos que se foi compondo uma “lenda negra” na Antiguidade Tardia que associava estes edifícios ao martírio dos cristãos, tornando menos populares os jogos de anfiteatro, mas os *ludi* em si conheceram grande longevidade na *Hispania*. Ramon Teja Casuso chamou justamente a atenção para o embaraço que constituía para a hierarquia eclesiástica a continuidade destas práticas tidas por impróprias e “pagãs” ainda nos finais do século IV inícios do V (Teja, 2002, p. 168). Contudo, se conhecemos epígrafes que falam de remodelações no teatro e circo na capital provincial, *Augusta Emerita*, em época constantina (Ramírez, 2003, nº 62- 64), não temos nada similar para o seu anfiteatro – ainda que, como sempre, a ausência de prova não seja prova de ausência. Olhando para o resto da *Hispania*, é raríssima a epigrafia associada a reformas de anfiteatros, embora se conheçam outros casos de reformas em circos e teatros (Ramallo, 2002, p. 117), mas dificilmente poderemos saber como se comportaria a população de uma pequena cidade de província, por estes tempos de mudança cultural, mas também de larga continuidade de “velhos costumes”.

Provavelmente, uma vez abandonada a sua função primária, o edifício lúdico terá conhecido outros usos, uma vez que se impunha na paisagem. No caso vertente, não temos documentada a presença de edifícios cristãos, nem de reconversão dos seus espaços a usos litúrgicos, nem se afigura provável uma reciclagem

Fig. 5
1-13: Principais cerâmicas dos estratos subjacentes às estruturas do corredor de acesso à *porta triumphalis*, à construção dos carceres e ao aterro do lado nascente; Ânfora Peniche 3 (1), Haltern 70 Guadalquivir (2), prato engobe vermelho “pompeiano”(3); *terra sigillata* itálica: Consp. 21 (4); Consp. 22 (5-8); Consp. 36 (9); Consp. 50 (10); Consp. R.8 (12); marca C.ME, in *planta pedis* (OCK 1132.8-11) datada 1-30 d.C (13); *terra sigillata* sudgálica: Ritt. 8 (11).
14-15: Principais cerâmicas da fase final da utilização do edifício: ânforas Almagro 51C lusitanas.



em funções militares, como se conhece em outros locais (Sabio, 2020). Atendendo ao microtopónimo que ali persiste, “picadeiro”, parece verosímil supor que uma bem prosaica utilização como recinto de gados fosse função secundária para o velho edifício lúdico.

VII

Nota final

Em 2023, em novos trabalhos no anfiteatro de *Ammaia* foram identificadas uma nova porta, voltada a Norte, que não pudemos ainda escavar e um novo pequeno recinto, em tudo idêntico ao aqui descrito, aberto no lado Sul do *podium*, praticamente no eixo desta nova porta. Não cabe nestas páginas tratar destes novos dados, mas não queríamos deixar de os assinalar, uma vez que estão já registados, no estado actual dos conhecimentos, na planta geral e na fotografia aérea.

BEJARANO OSORIO, Ana (2022)

– El Suburbio Suroriental de Cáparra: el área funeraria y el anfiteatro, *Anas*, 35, pp. 73-103.

BRIDGE, Anne; LOWNDES, Susan (2009)

– *Duas Inglesas em Portugal, uma viagem pelo país nos anos 40*. Lisboa: Quidnovi.

CORSI, Cristina; VERMEULEN, Frank, dir. (2012) – *Ammaia I: The Survey*.

A Romano-Lusitanian Townscape revealed. Ghent: Academia Press.

FABIÃO, Carlos; NOGALES BASARRATE, Trinidad; BARRERO, Nova; GUERRA, Amílcar; CARVALHO, Joaquim; MURCIANO, J. M.; SABIO, R.; VIEGAS, Catarina; BORGES, S.; MACHADO, R. L.; MORENO, D.; AIRES, J.; BARRADAS, S. (em publicação) – Anfiteatro de Ammaia (Lusitania): nuevo ejemplo de modelo provincial. In: *17th International Colloquium on Roman Provincial Art in Vienna/Carnuntum, Time(s) of transition and change* (May 16 th – May 21 st, 2022).

FRADE, Helena; Portas, Clara (1994)

– A Arquitectura do Anfiteatro Romano de Bobadela, in: ALVÁREZ MARTÍNEZ, José María; ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan, dirs. - *Bimilenario del Anfiteatro Romano de Mérida – Coloquio Internacional El Anfiteatro en la Hispania Romana, Mérida, 26-28 de Noviembre 1992*, pp. 349-359.

GOLVIN, Jean-Claude (1988)

– *L'Amphithéâtre Romain. Essai sur le théorisation de sa forme et de ses fonctions*. II vols, Paris: Diffusion De Boccard.

GUERRA, Amílcar (1996) – Ammaia,

Medobriga e as Ruínas de S. Salvador de Aramenha. Dos Antiquários à Historiografia Actual, *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, Nova Série 11, pp. 7-33.

GUERRA, Amílcar (2021) – Ammaia,

In: NOGALES BASARRATE, Trinidad, dir. - *Ciudades Romanas de Hispania I, Hispania Antigua*, Serie Arqueológica 13, Mérida-Roma, L'Erma di Bretschneider, pp. 177-186.

MANTAS, Vasco Gil (2010) – O Arco da

Aramenha em Castelo de Vide, *Humanitas*, 62, pp. 321-336.

NOGALES BASARRATE, Trinidad;

BARRERO MARTÍN, Nova; MURCIANO CALLES, José Maria; SABIO GONZÁLEZ, Rafael; FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar; CARVALHO, Joaquim (2020) – Lusitania: investigación y proyecto arqueológico en la ciudad romana de Ammaia. Primeros resultados y expectativas de futuro, *Informes y Trabajos 19. Excavaciones en el exterior*, 2020, pp. 16-32.

OLEIRO, José Manuel Bairrão (1955)

– *Sobre as ruínas da Aramenha*, relatório de inspecção realizado em 1955 no sítio arqueológico da Ammaia, no âmbito dos trabalhos da 2ª subsecção da 6ª secção da Junta Nacional de Educação (inédito).

OLIVEIRA, Jorge de; CUNHA, Susana (1999) – A cidade romana de Ammaia

na correspondência entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos, *O Arqueólogo Português*, IV série, 11-12, pp. 103-134.

PEREIRA, Sérgio (2009) – *A Cidade Romana*

de Ammaia. Escavações Arqueológicas 2000-2006. Marvão: Edições Colibri e Câmara Municipal de Marvão.

PEREZ BALLESTER, José; BERROCAL

CAPARRÓS, Carmen; FERNÁNDEZ MATALLANA, Francisco, coords. (2020) – Los anfiteatros de Hispania en el siglo XXI. Novedades y propuestas de articulación en las ciudades actuales. *Mastia, Revista del Museo Arqueológico Municipal de Cartagena*, Segunda Época, 15.

QUARESMA, José Carlos, dir. (2015)

– *Ad Aeternitatem. Os espólios funerários de Ammaia a partir da colecção Maçãs do Museu Nacional de Arqueologia*. Évora: Universidade de Évora / Museu Nacional de Arqueologia / Fundação Cidade de Ammaia.

RAMALLO ASCENSO, Sebastián (2002)

– La arquitectura del espectáculo en Hispania: teatros, anfiteatros y circos. In: NOGALES BASARRATE, Trinidad; CASTELLANO HERNÁNDEZ, Angeles, dir. - *Ludi Romani Espectáculos en Hispania Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 91-117.

RAMÍREZ SÁBADA, José Luis (2003)

– *Catálogo de las Inscripciones Imperiales de Augusta Emerita*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano / Asociación de Amigos del Museo / Fundación de Estudios Romanos.

SABIO GONZÁLEZ, Rafael (2020)

– El anfiteatro de Mérida y su reocupación durante la Antigüedad Tardía. Indicios e hipótesis de trabajo. In: SABIO GONZÁLEZ, Rafael; MURCIANO CALLES, José María, dir. - *Reciclando Emerita*, Mérida: Museo Nacional de Arte Romano / Asociación de Amigos del Museo / Fundación de Estudios Romanos, pp. 127-143.

TEJA CASUSO, Ramón (2002)

– Espectáculos y mundo tardío en Hispania. In: NOGALES BASARRATE, Trinidad; CASTELLANO HERNÁNDEZ, Angeles, dir. - *Ludi Romani Espectáculos en Hispania Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 163-170.

VASCONCELOS, José Leite (1935)

– Localização da cidade de Ammaia, *Ethnos* 1, p. 5-9, primeiramente publicado in: *O Século*, Lisboa, 29/03/1932.

Hipertextos

Acedidos em Julho de 2023

Fundação Cidade de Ammaia

<http://www.ammaia.pt/>

Cidade Romana de Ammaia,

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=48078>

Cidade Romana de Ammaia,

SIPA, Sistema de Informação

para o Património Arquitectónico

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=1844

FICHA TÉCNICA

Edição

EGEAC, EM I Museu de Lisboa
– Teatro Romano

Coordenação editorial

Lídia Fernandes

Projeto gráfico

atelier-do-ver

Revisão e edição de texto

Carolina Grilo, Lídia Fernandes,
Mónica Gomes, Patrícia Brum

Impressão

Rigor das Cores

Tiragem

500

ISSN

2184-6979

Ano

2025

Depósito Legal

465402/19

Textos

Alejandro González Blas
Amílcar Guerra
Ana María Bejarano Osorio
Carlos Cabral Loureiro
Carlos Fabião
Carolina Grilo
Catarina Viegas
Félix Palma García
Felix Teichner
Fernanda Magalhães
Filipe Ferreira
Filomena Barata
Javier Á. Domingo
Joana Sousa Monteiro
Joaquim Carvalho
Jorge Sequeira
José Carlos Quaresma
José Maria Murciano
José Ruivo
Leonor Rocha
Lídia Fernandes
Macarena Bustamante-Álvarez
Manuel Francisco Costa Pereira
Manuela Martins
Marta Frade
Nova Barrero Martín
Patrícia Brum
Patrizio Pensabene
Pedro C. Carvalho
Pedro Mateos Cruz
Ricardo Costeira da Silva
Ricardo Mar
Rocío Ayerbe Vélez
Rui M. Silva
Salvador Lara Ortega
Santiago Guerra Millán
Sílvia Teixeira
Trinidad Nogales Basarrate
Virgílio Hipólito Correia
Vitor Dias

FICHA TÉCNICA

Edição

EGEAC, EM I Museu de Lisboa
– Teatro Romano

Coordenação editorial

Lídia Fernandes

Projeto gráfico

atelier-do-ver

Revisão e edição de texto

Carolina Grilo, Lídia Fernandes,
Mónica Gomes, Patrícia Brum

Impressão

Rigor das Cores

Tiragem

500

ISSN

2184-6979

Ano

2025

Depósito Legal

465402/19

Textos

Alejandro González Blas
Amílcar Guerra
Ana María Bejarano Osorio
Carlos Cabral Loureiro
Carlos Fabião
Carolina Grilo
Catarina Viegas
Félix Palma García
Felix Teichner
Fernanda Magalhães
Filipe Ferreira
Filomena Barata
Javier Á. Domingo
Joana Sousa Monteiro
Joaquim Carvalho
Jorge Sequeira
José Carlos Quaresma
José Maria Murciano
José Ruivo
Leonor Rocha
Lídia Fernandes
Macarena Bustamante-Álvarez
Manuel Francisco Costa Pereira
Manuela Martins
Marta Frade
Nova Barrero Martín
Patrícia Brum
Patrizio Pensabene
Pedro C. Carvalho
Pedro Mateos Cruz
Ricardo Costeira da Silva
Ricardo Mar
Rocío Ayerbe Vélez
Rui M. Silva
Salvador Lara Ortega
Santiago Guerra Millán
Sílvia Teixeira
Trinidad Nogales Basarrate
Virgílio Hipólito Correia
Vitor Dias